



A PAISAGEM DOS MUSEUS DE IMIGRANTES HOLANDESES A PARTIR DE UM SISTEMA DE CRIAÇÃO DE SIGNOS

Ana Cristina Costa Siqueira¹, <https://orcid.org/0000-0002-0629-5466>

Bruna Iara Lorian Chagas², <https://orcid.org/0000-0001-9671-8364>

Brendo Francis Carvalho³, <https://orcid.org/0000-0001-6118-4112>

Almir Nabozny⁴, <https://orcid.org/0000-0001-8723-9134>

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR, Brasil*

² Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR, Brasil**

³ Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR, Brasil***

⁴ Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR, Brasil****

Artigo recebido em 04/08/2023 e aceito em 06/09/2023

RESUMO

Os museus de imigrantes holandeses são locais de compartilhamento das trajetórias e memórias por meio das paisagens construídas. As estruturas de ordem simbólica se destacam enquanto campo de importância para estudo na Nova Geografia Cultural em razão de estarem repletas de símbolos e significados que se conectam com um imaginário materializado nessas paisagens museológicas. A partir disso, o estudo objetiva analisar a paisagem cultural presente nos museus da imigração holandesa enquanto um sistema de significados que permite que seja interpretada e lida enquanto texto. A operacionalização do trabalho consistiu no acesso a documentos dos museus Parque Histórico de Carambeí e do Centro Cultural de Castrolanda, do primeiro se analisou o Manual do Monitor, o Catálogo Institucional e a Cartilha Pedagógica, já do segundo foi estudado a Cartilha Institucional. Para as interpretações das paisagens foi utilizado o sistema de criação de signos debatidos por Duncan (2004) e também o proposto por Gomes (2013) sobre o ponto de vista, composição e exposição contidas em registros fotográficos. As interpretações foram guiadas pelos símbolos de representação respectivos aos conceitos formadores das colônias de imigrantes holandeses, sendo eles o 'trabalho', a 'educação', o 'cooperativismo' e a 'religião'. Portanto, a análise destes símbolos oportuniza a compreensão dos significados que permeiam essas paisagens e sua constante reprodução, valorizando e exaltando a cultura e os costumes dos pioneiros holandeses, fazendo dessa narrativa histórica uma forma potencial de consumo turístico.

Palavras-chave: Museus; Paisagens; Nova Geografia Cultural.

* Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: anacostasiqueira@gmail.com

** Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: brunaiarachagas@gmail.com

*** Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: brendofcarvalho@gmail.com

**** Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Adjunto na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: almirnabozny@yahoo.com.br

THE LANDSCAPE OF MUSEUMS OF DUTCH IMMIGRANTS FROM A SYSTEM FOR THE CREATION OF SIGNS

ABSTRACT

The museums of Dutch immigrants are places for sharing trajectories and memories through constructed landscapes. Symbolic structures stand out as an important field for study in New Cultural Geography because they are rich in symbols and meanings that connect with an imaginary materialized in these museological landscapes. Therefore, the study aims to analyze the cultural landscape present in museums of Dutch immigration as a system of meanings that allows for interpretation and reading as a text. The work's operationalization consisted of accessing documents from the Parque Histórico de Carambeí and Centro Cultural de Castrolanda museums. For the interpretations of the landscapes, the system of creation of signs discussed by Duncan (2004) and also proposed by Gomes (2013) about the point of view, composition and exposure contained in photographic records was used. The interpretations were guided by the respective representation symbols of the forming concepts of the Dutch immigrants' colonies, namely 'work', 'education', 'cooperativism', and 'religion'. Consequently, analyzing these symbols provides an opportunity to understand the meanings that permeate these landscapes and their constant reproduction, valuing, and exalting the culture and customs of the Dutch pioneers, turning this historical narrative into a potential form of tourist consumption.

Keywords: Museums; Landscapes; New Cultural Geography.

EL PAISAJE DE LOS MUSEOS DE INMIGRANTES HOLANDESES A PARTIR DE UN SISTEMA DE CREACIÓN DE RÓTULOS

RESUMEN

Los museos de inmigrantes holandeses son lugares para compartir trayectorias y memorias a través de paisajes contruidos. Las estructuras simbólicas se destacan como un importante campo de estudio en la Nueva Geografía Cultural porque están llenas de símbolos y significados que conectan con un imaginario materializado en estos paisajes museológicos. A partir de ello, el estudio pretende analizar el paisaje cultural presente en los museos de la inmigración holandesa como un sistema de significados que permite interpretarlo y leerlo como texto. La operacionalización del trabajo consistió en acceder a documentos de los museos Parque Histórico de Carambeí y Centro Cultural de Castrolanda. Para las interpretaciones de los paisajes se utilizó el sistema de creación de signos discutido por Duncan (2004) y también propuesto por Gomes (2013) sobre el punto de vista, composición y exposición contenida en los registros fotográficos. Las interpretaciones se guiaron por los respectivos símbolos de representación de los conceptos formativos de las colonias de inmigrantes holandeses, a saber, 'trabajo', 'educación', 'cooperativismo' y 'religión'. Por lo tanto, el análisis de estos símbolos brinda la oportunidad de comprender los significados que impregnan estos paisajes y su constante reproducción, valorando y exaltando la cultura y costumbres de los pioneros holandeses, haciendo de esta narrativa histórica una potencial forma de consumo turístico.

Palabras-clave: Museos; Paisajes; Nueva Geografía Cultural.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem por finalidade analisar a paisagem cultural dos museus da imigração holandesa, considerando-os como um sistema de significados. Os museus são espaços constituídos de simbolismos, abrigando elementos referentes as memórias coletivas e representando contextos históricos e culturais específicos. Entende-se que os museus também são importantes na exposição e

construção de cenários e para democratização de saberes e acervos que são dispostos nesses espaços visando a transmitir conhecimento às sociedades, proporcionando uma compreensão mais ampla das situações históricas.

A finalidade em comento alinha-se ao campo da Nova Geografia Cultural, visto tratar da interpretação de paisagens que são constituídas por símbolos que representam a cultura gerada pelo movimento diaspórico. Este movimento, compreendido como um sistema de ordenação simbólica desempenha um papel importante no potencial turístico dessas paisagens devido a expressar significados específicos.

Para analisar essas paisagens, foram realizadas interpretações de fotografias capturadas pela autora principal, juntamente com imagens obtidas da internet por meio de plataformas oficiais e redes sociais das instituições. A interpretação das imagens foi baseada no sistema de criação de signos discutido por Duncan (2004) e na metodologia de Gomes (2013), que considera elementos como ponto de vista, composição e exposição como ferramentas interpretativas. A seleção das imagens foi baseada nos pilares conceituais mencionados pelos descendentes de imigrantes holandeses que formaram as colônias na região dos Campos Gerais, tais como Trabalho, Educação, Cooperativismo e Religião.

Antes ao exposto, o artigo estrutura-se em um primeiro momento, no debate sobre a importância dos espaços museológicos, posteriormente explorando a relação entre a Nova Geografia Cultural, a paisagem e a metodologia. Em seguida, apresenta os resultados e as considerações finais. São destacados no texto dois museus de imigrantes holandeses, o Parque Histórico de Carambeí, localizado em Carambeí, e o Centro Cultural de Castrolanda, localizado no Distrito de Castrolanda, pertencente ao município de Castro, no estado do Paraná, Brasil. Esses museus têm como missão preservar a cultura dos imigrantes holandeses e suas paisagens são ricas em simbolismo, representando tanto o país de origem quanto a trajetória dos imigrantes ao se deslocarem para o Brasil.

A RELEVÂNCIA DOS ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS

Os museus são instituições que viabilizam a apreensão e transmissão de ideias e valores culturais. Eles são importantes na conservação da memória e possuem coleções de objetos, exposições e cenários que informam uma ordem cultural através das paisagens destes lugares.

Conforme Desvallées e Mairesse (2013), o termo "museu" deriva do italiano "*museo*", indicando que essas instituições são locais ou estabelecimentos com a finalidade de selecionar, ou expor coleções, sejam elas materiais ou imateriais, retratando a relação entre o homem e o meio. Ao longo dos anos, os museus adquiriram outros significados e passaram por mudanças em suas funcionalidades, diversificando suas missões, modos de funcionamento e gestões

Assim, os museus são compreendidos como espaços constituídos pela representatividade de memórias e pela transmissão de ideias e valores de uma cultura. Eles são repletos de simbolismos que possuem significados, assim como estruturas compostas por objetos, obras de arte e exposições, cada um com um objetivo pré-definido para comunicar ideias ao público visitante.

Estruturalmente, os museus são divididos em alas que compõem uma organização, abrangendo o conteúdo presente no museu conforme a distribuição da mensagem que os gestores desejam transmitir, ou seja, através de uma intencionalidade. Essa distribuição se aplica também ao acervo e às exposições, que são compostas por signos, constituindo cenários com a finalidade de contar uma história e exaltar um determinado contexto de um acontecimento ou aspectos de uma cultura. Além disso, Duncan (1995) considera o museu como uma tecnologia disciplinar que operacionaliza a visibilidade da representação a partir de um espaço, determinando objetos e práticas. Desse modo, os museus são vistos como formas de enaltecer comportamentos ritualísticos.

Segundo Rangel (2018), a intencionalidade presente em um acervo imagético compõe os elementos que constituem esses objetos. Dessa forma, a autora afirma que as exposições presentes em museus direcionam a compreensão dos processos de produção de imagens reproduzidas a partir dos objetos contidos nos espaços museológicos. Esses elementos são formados por um conjunto de iluminação, cores, textos, formas de apresentação, entre outros aspectos, que estimulam a visitação e provocam emoções e sentimentos em diferentes públicos.

A partir de Rangel (2018), podemos relacionar a intencionalidade aos museus de imigrantes holandeses, pois esse propósito consciente pode ser observado em suas paisagens, na disposição dos objetos dos acervos, nas imagens presentes nos ambientes virtuais dos museus e nos discursos percebidos nos símbolos das paisagens construídas. Tais elementos destacam a exaltação da cultura dos imigrantes e o processo de trânsito que eles passaram na trajetória de deslocamento da Holanda para o Brasil.

Poulot (2013), Duncan (2004) e Williams (1982) argumentam que o estudo dos objetos museais deve envolver a análise de uma cultura que é elaborada, produzida, transmitida e, por fim,

interpretada. Compreendendo a cultura como materialmente elaborada, Poulot (2013) afirma que os museus são caracterizados através de objetos e outros elementos materiais, como catálogos, fichários, arquivos e outras publicações. Mesmo que sejam permeadas por intencionalidades e intuitos, essas instituições são reguladas por diversos procedimentos, normativas e convenções, que não se limitam apenas aos processos de identificação e tratamento específicos e exposição de artefatos, mas também envolvem uma argumentação comercial.

Essa argumentação comercial se destaca principalmente nos conteúdos apresentados em espaços virtuais, que expõem os ambientes museológicos por meio de plataformas digitais com finalidade turística. No entanto, é importante destacar que pensar os museus apenas como instituições voltadas para a promoção turística pode ser um equívoco, uma vez que muitos museus são espaços que buscam democratizar a cultura ao promover a socialização de conhecimentos.

O entendimento dos museus como espaços de transmissão e democratização de conhecimentos tem chamado a atenção de antropólogos, arqueólogos e outros estudiosos voltados para aspectos históricos e contemporâneos dessas instituições. Esses estudos buscam compreender os espaços museológicos em termos de sua manutenção, estrutura e organização espacial (GEOGHEGAN; HESS, 2014). Esse movimento de produção de inteligibilidades sobre os espaços de museus articula estudiosos da Geografia Cultural e da História, que se dedicam a pesquisar os ambientes museais e seus acervos. Na Geografia, essa busca foi especialmente embasada por reflexões inerentes ao subcampo da Nova Geografia Cultural, um tema que será abordado na próxima sessão, destacando sua relação com a paisagem.

A NOVA GEOGRAFIA CULTURAL E A PAISAGEM

Desde sua origem, a ideia acerca de paisagem está essencialmente ligada à visão, especialmente uma área que é avistada a partir de um ponto e se desdobra em direção ao horizonte. Este conceito tem passado por transformações desde o século XVI até a contemporaneidade, considerando os diferentes olhares que se voltaram para este conceito. Desde a paisagem artística, originária a partir da pintura renascentista (e, que surge como um gênero próprio de pintura no século XVII), até a paisagem turística e a paisagem cultural de Carl Sauer (1925), o entendimento sobre o que é e como se define a paisagem foi se transformando ao longo dos séculos no entendimento da Modernidade (SAUER, 1998; CAUQUELIN, 2007).

No que se refere à relação da paisagem com o passado, não podemos ignorar as contribuições de David Lowenthal (1923-2018). Discípulo de Sauer, o historiador (considerado também geógrafo) discutiu a relação das sociedades com o passado a partir dos significados acumulados pelas paisagens, que são ressignificadas através do imaginário para mediar a relação entre um povo e sua própria narrativa de passado (LOWENTHAL, 2013). A paisagem funciona como um elemento tangível de construção da memória coletiva.

Com relação à existência de paisagens entendidas como históricas e simbólicas, argumenta-se que, por vezes, esses espaços não costumam ser visitados pelos moradores locais cotidianamente, mas que a existência desses espaços proporciona um senso de segurança e continuidade à comunidade.

As contribuições de Lowenthal (2013) foram essenciais para o desenvolvimento do campo da Nova Geografia Cultural, especialmente considerando como as paisagens históricas desempenham um papel fundamental na construção da identidade em comunidades migrantes.

As discussões relativas ao campo da Nova Geografia Cultural auxiliam na compreensão da cultura a partir das abordagens e interpretações sobre a noção das paisagens, visto que esse é um debate notadamente fragilizado, especialmente na relação entre o entendimento cultura-paisagem. Entretanto, esse cenário vem se alterando com o passar dos anos, devido ao surgimento de trabalhos de autores como Duncan (2004) e Cosgrove (1998), que se concentram na evolução e contribuição de estudos relacionados à temática.

Segundo Duncan (2004), ainda que as paisagens possuam um sentido tradicional reconhecido que se reflete na cultura dentro da qual foram produzidas, e enquanto sinais que se constituem de evidências a partir de seus artefatos, vinculados a determinadas situações do passado, somente recentemente as paisagens passaram a ser encaradas como importantes na contribuição dos processos sociopolíticos de reprodução e mudança da cultura.

A partir desse contexto, podemos entender que as paisagens dos museus também são repletas de signos e significados, desencadeando uma narrativa com a intencionalidade de exaltar a cultura que está sendo transmitida, além de atrair pessoas para sua contemplação e proporcionar uma conexão com o mundo do outro. Todos esses aspectos, como o acervo, as construções, exposições e coleções, partem de uma intencionalidade; os objetos não estão expostos por eles mesmos, mas contêm uma objetividade na qual a cultura se materializa nesses espaços a partir desses elementos contidos na paisagem.

Especificamente pensando na produção de Duncan e Cosgrove, destaca-se a articulação de ambos como uma possibilidade interessante para a produção de inteligibilidades sobre os museus e a elaboração e interpretação de paisagens.

Duncan (2004) disserta que os geógrafos culturais têm se voltado para os estudos dos artefatos, produzindo inúmeras obras dedicadas a essa questão, em que os artefatos pertencem ao entendimento e análise de diversos elementos, como tipos de casas, celeiros, cercas e até mesmo o conjunto de paisagens que evidenciam a existência de regiões culturais e focos culturais. Esses artefatos mencionados pelo autor indicam a existência de objetos que condicionam o entendimento e a interpretação, a fim de revelar compreensões da cultura e da história que se apresentam em determinadas paisagens, sinalizando ainda a ação humana na construção destas paisagens.

Para Cosgrove (1998), a ação do ser humano na natureza a transforma em cultura, embora essa 'transformação' nem sempre esteja relacionada à materialidade, ou seja, às formas que se encontram visíveis, principalmente para pessoas que não estão habituadas a vê-las.

Por isso, Cosgrove (1998) argumenta que expor os significados que as paisagens culturais apresentam envolve uma habilidade atrelada ao imaginário e também a uma consciência que permite adentrar o mundo do outro, visando a representar a paisagem e possibilitar que seus significados sejam evidenciados e apreendidos. A partir disso, os significados presentes na paisagem são facilmente descobertos.

Com base nesses argumentos, destacamos os museus de imigrantes holandeses que apresentam e congregam em suas paisagens o processo de trânsito da Holanda para o Brasil, quando se deslocaram em busca de oportunidades e melhores condições de vida. Esse processo é constantemente evidenciado e exaltado no momento de construção desses espaços, baseados em relatos e fotografias da comunidade de imigrantes holandeses. Essa constituição de paisagens pode ser observada no Museu de Castrolanda (distrito de Castrolanda, município de Castro) e no Parque Histórico de Carambeí (município de Carambeí), ambos localizados no estado do Paraná, Brasil.

METODOLOGIA

O presente estudo baseou-se na pesquisa de documentos e registros disponibilizados em ambientes virtuais dos museus, incluindo o Parque Histórico de Carambeí (Manual do Monitor, Catálogo institucional e Cartilha pedagógica) e Centro Cultural de Castrolanda (cartilha institucional).

Para a análise, foram utilizadas as obras de Gomes (2013), que discute a análise de imagens, e também de Duncan (2004) e Cosgrove (1998) que discutem a cultura a partir de um sistema de signos.

Para Gomes (2013), as imagens podem ser interpretadas a partir de sua posição, ou seja, através do ponto de vista, composição e exposição, pois são formadas por uma dimensão espacial que evidencia expressões que constituem uma espacialidade.

O autor compreende o ponto de vista como um determinado lugar em que podemos nos posicionar para visualizar determinada paisagem e, que se estivéssemos em outro ponto, não poderíamos ver. Essa expressão estabelece um vínculo direto entre o observador e o observado. Gomes (2013) ainda descreve que o ponto de vista, metaforicamente, significa o momento de ligação em que podemos optar pela orientação do olhar e, somente através dessa posição é definido o ângulo, a direção e a distância, entre outros aspectos.

A composição, segundo o autor, é utilizada para denominar um conjunto de formas, cores e elementos presentes em uma imagem, como uma fotografia ou pintura, que exemplifica essa composição formada por um enquadramento. Nesse contexto, a paisagem é sempre percebida como uma 'composição' que envolve formas de relevo e tipo de cobertura vegetal.

Gomes (2013) também apresenta a noção de 'exposição', compreendida como uma circunstância espacial que se divide em dois aspectos importantes. O primeiro deles é que, para apreendermos as coisas a partir de uma classificação, devemos levar em conta o que deve ser exibido e o que deve ser escondido. O segundo aspecto é que a exibição e ocultação de elementos em uma composição devem seguir uma delimitação que define o que deve ser visualizado e o que não deve ser visto em relação a uma posição específica.

Desse modo, a composição das imagens discutida por Gomes (2013), possibilita a interpretação da cultura e sua relação com o sistema de signos debatidos por Duncan (2004) e Cosgrove (1998), em que uma ordem social é comunicada, explorada e experienciada.

Para a análise das composições de paisagens nos museus de imigrantes holandeses elencados para esta reflexão, as teorias de Gomes (2013), Duncan (2004) e Cosgrove (1998) foram articuladas à vivência da autora principal deste trabalho nos ambientes museais indicados. A autora já trabalhou no Parque Histórico de Carambeí por um período de dois anos (2014-2017) e acompanhou as visitas realizadas nesse período.

A partir disso, a análise foi realizada se atentando para três aspectos propostos por Duncan (2004), sendo eles: 1) como a paisagem é percebida pelas pessoas da comunidade de imigrantes holandeses (como elas lhe parece); 2) como a paisagem é percebida por pessoas que não pertencem à comunidade (como os outsiders poderiam interpretá-la); e 3) a interpretação dos pesquisadores sobre aquele contexto, enquanto um sistema de significações.

Para a escolha das fotografias analisadas neste estudo, optou-se por aquelas que representavam a paisagem que mostra a exaltação e o desenvolvimento das colônias pelos pilares conceituais contados pelos pioneiros, como a Religião, o Trabalho, a Educação e o Cooperativismo.

Para isto, foram produzidas imagens pela pesquisadora principal que mostram estes pilares em composições no contexto dos museus, durante visitas realizadas a estes locais com o propósito de registrar fotograficamente as suas paisagens interiores e exteriores. A visita ao Centro Cultural de Castrolanda ocorreu no dia 24 de junho de 2021 e no Parque Histórico de Carambeí no dia 18 de julho de 2021.

Assim, na próxima sessão será apresentada a relação que as imagens das paisagens de museus de imigrantes holandeses oferecem em modo de montagem, devido a expressarem uma ordem social permitindo que a paisagem seja lida enquanto texto.

De acordo com Gomes (2013), considera-se que as fotografias são repletas de intencionalidade, pois são produzidas com base na escolha de um ponto de vista, composição e exposição. É importante destacar que, embora as imagens tenham sido produzidas com a intenção da pesquisadora principal, paralelamente carregam e destacam, no contexto do museu, paisagens construídas com objetividade, com a finalidade de exaltar um momento que rememora o país de origem e também contar a trajetória dos pioneiros imigrantes holandeses.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O município de Carambeí tem sua história e desenvolvimento socioeconômico e cultural diretamente ligados à imigração holandesa que ocorreu em 1911, motivada pela construção de uma estrada de ferro desenvolvida pela empresa Brazil Railway Company, que estimulou imigrantes holandeses a se estabelecerem em Carambeí.

Embora alguns imigrantes já estivessem na Colônia de Gonçalves Júnior, no município de Irati, novos deslocamentos foram empreendidos devido a problemas relacionados à saúde e à

economia que não estavam apresentando bons rendimentos. Em busca de uma melhor condição de vida, alguns desses imigrantes resolveram se deslocar para o atual município de Carambeí, que na época era uma antiga colônia pertencente ao município de Castro, Paraná.

Desse modo, além dos imigrantes holandeses que vieram de Gonçalves Júnior, outros também vindos diretamente da Holanda se estabeleceram na colônia. Em 1925, após a retirada da companhia responsável pela construção da estrada de ferro e, devido a problemas de concorrência entre os pequenos produtores de leite no local, os pioneiros resolveram montar a primeira Companhia Holandesa de Laticínios LDTA, que posteriormente reverberou na criação da marca Batavo. Segundo a Associação Parque Histórico de Carambeí - APHC (2015), o nome é uma homenagem a uma tribo germânica que se estabeleceu no delta do Rio Reno em 100 a.C., na mesma região de onde vieram os pioneiros.

Para Camargo e Benatte (2014), essa prosperidade em 1951 desencadeou a formação de uma nova colônia próxima ao município de Castro, denominada de Castrolanda, que também tinha como potencial econômico a produção de laticínios. Os imigrantes holandeses que se estabeleceram em ambas as colônias elaboraram um projeto de imigração e colonização que resultou na formação de mais uma colônia holandesa em Arapoti, Paraná.

Inspirado nessa trajetória de experiência e vivência desses imigrantes que chegaram à região dos Campos Gerais no Paraná, surgiram então os museus de imigrantes holandeses, como o Parque Histórico de Carambeí, localizado no atual município de Carambeí, e o Centro Cultural de Castrolanda, localizado no Distrito de Castrolanda, no município de Castro. Ambos os museus foram baseados em relatos e fotografias de paisagens da Holanda, o antigo país de origem desses pioneiros e retratam esse processo diaspórico e sua importância para o desenvolvimento da colônia em termos econômicos, sociais e culturais. Além disso, apresentam a cultura que foi gerada mediante o deslocamento desses imigrantes para o Brasil.

O PARQUE HISTÓRICO DE CARAMBEÍ

O Parque Histórico de Carambeí, um museu a céu aberto, tem como finalidade a preservação da memória e cultura do imigrante holandês. Ele é dividido em três alas museais que contam a história e a influência do imigrante holandês em Carambeí.

Segundo a APHC (2015), o parque está situado em um terreno com mais de 100 mil metros quadrados e foi edificado em parceria com a Cooperativa Agroindustrial Batavo. O Núcleo de Mídia e Conhecimento (2016) destaca que a genealogia do museu está relacionada aos valores e objetivos de uma infraestrutura museal a céu aberto, em formato de parque, buscando a integração do poder público e privado com fins turísticos, abordando temas relacionados ao turismo, induzindo a visitação, mas também enfatizando a produção cultural e educacional.

Também pode ser verificado, de acordo com o Núcleo de Mídia e Conhecimento (2016) do Parque Histórico de Carambeí, que houve um esforço para aumentar o processo de musealização, resultando na construção de um espaço social em formato de parque, assemelhando-se a uma área urbanizada. Esse projeto foi planejado de maneira estratégica e a sua estrutura levou três anos (2009 a 2012) para ser construída, seguindo um plano diretor.

Ainda conforme o Núcleo de Mídia e Conhecimento (2016), em 2015 as obras do Parque Histórico de Carambeí foram finalizadas, concluindo esse projeto, juntamente com a meta para finalização do plano museal ou museológico. Dessa forma, o complexo Parque Histórico de Carambeí é composto por cinco áreas distintas: a) Casa da Memória, b) Vila Histórica de Carambeí, c) Parque das Águas, d) Parque de Exposições, e) Anfiteatro Histórico.

A Casa da Memória, de acordo com a APHC (2015), foi inaugurada em 2001 e está instalada em um antigo estábulo de 1946, compartilhando o espaço com o Koffiehuis - Restaurante e Confeitaria do parque, bem como com a Loja de Souvenirs. Nesta ala, a parte inferior é composta por algumas exposições fotográficas e uma maquete que retrata como era a primeira vila da cidade. Já na parte superior, encontram-se mais exposições e réplicas de algumas casas, como a primeira Escola da cidade, a Venda, a Casa dos Imigrantes e também a Casa Portuguesa.

Conforme a APHC (2015), a Vila Histórica foi inaugurada em 2011 para celebrar o Ano da Holanda no Brasil e é composta por réplicas da primeira vila da cidade em tamanho real. Nesta ala, encontram-se representações da Estação Ferroviária, da Chácara Holandesa, da Igreja, do Cemitério, da Casa das Etnias, da Casa “História da Cultura Holandesa”, do Museu do Leite, do Matadouro, da Escola, da Marcenaria e Ferraria, bem como Retratos da Infância e o Monumento em Comemoração ao Centenário da Imigração Holandesa nos Campos Gerais.

A partir das alas museais da Vila História e da Casa da Memória, podemos perceber a exaltação da cultura do imigrante holandês, gerada através do trânsito da Holanda para o Brasil, ou seja, através de um movimento diaspórico.

Na Figura 1, seguindo a metodologia de Duncan (2004) que considera a paisagem como um sistema de criação de signos, podemos perceber a intencionalidade em transmitir um significado, evidenciado na imagem que enfatiza a religiosidade presente no museu, destacando os valores religiosos da comunidade de imigrantes através da figura do peixe. Para os imigrantes, a religião é uma das bases que permitiram que a colônia se mantivesse estruturada diante das dificuldades da época. A representação da religião na figura do peixe tem o propósito de exaltar esse pilar, principalmente no momento de formação e desenvolvimento da colônia, tornando a paisagem uma maneira de constantemente relembrar os valores desse pilar.

Figura 1- Parque Histórico de Carambeí- Representação da Religiosidade-2021



*Em cima - Entrada da Vila Histórica, Casa da Memória;
No meio - Igreja Evangélica Reformada - (localizada na Vila Histórica);
Ao final - Monumento do Peixe (localizada no Jardim);
Fonte: A autora principal

Duncan (2004) enfatiza que o significado dos textos e dos subtextos pode se alterar com o tempo e até mesmo a partir do ponto de vista do intérprete. Segundo o autor, para entender o significado de um texto, primeiramente, devemos compreender o todo ao qual o texto pertence. Relacionando essa ideia com o museu, percebemos que nem sempre os visitantes possuem conhecimento sobre o contexto da imigração holandesa em Carambeí, o que pode dificultar a compreensão dos significados que os símbolos e monumentos presentes no local representam.

Para cumprir esse objetivo, cabe aos funcionários do museu fornecer esse conhecimento prévio para aqueles que manifestam interesse, possibilitando que os visitantes compreendam o significado dos diversos signos presentes no espaço. Dessa forma, espera-se que os visitantes consigam perceber o sentido por trás desses elementos, conferindo ao museu um propósito mais profundo de democratização do conhecimento, ao invés de ser apenas um local de passeio e lazer que atrai pela sua organização e paisagem, mas sem que sua verdadeira razão de existência seja compreendida.

Cosgrove (1998) destaca que as expressões visíveis em uma paisagem cultural sempre exigem algum conhecimento prévio sobre os símbolos e seus significados em determinada cultura, pois toda paisagem é, de fato, simbólica, e sua representatividade é intrínseca. Nesse sentido, o autor enfatiza que o propósito da paisagem é revelar as normas culturais e determinar os valores que um grupo dominante, como os imigrantes holandeses, pretende expressar e transmitir. Com isso, as paisagens dos museus de imigrantes holandeses se apresentam como uma forma de expressar e ressaltar os elementos fundamentais que moldaram a cultura desses imigrantes e suas contribuições para a formação da comunidade local.

Analisando a paisagem à luz das considerações de Gomes (2013) sobre o ponto de vista, é possível observar que as imagens destacam o simbolismo do peixe, bem como a composição da paisagem, exibindo as cores das flores e a arquitetura das construções, incluindo o monumento do peixe. Todos esses elementos contribuem para a constituição da paisagem e ressaltam os aspectos simbólicos, revelando, como significantes, a intencionalidade de evidenciar a religiosidade do imigrante holandês.

A figura 2 pode ser interpretada de Duncan (2004), no que tange a exaltação do Cooperativismo no ambiente museológico. O Cooperativismo é reconhecido como outro dos pilares

fundamentais na formação da colônia, sendo compreendido pelos imigrantes como um alicerce que possibilitou o êxito e a consistência da comunidade, tanto no aspecto econômico quanto social.

Segundo Pillati (2015), os valores materiais e imateriais do Cooperativismo incluem ferramentas e técnicas de cultivo agrícola e trabalho no campo, como a criação de animais e a produção de queijo, entre outros saberes e práticas que constituem a memória de conhecimentos essenciais para o desenvolvimento da colônia. A Fábrica de laticínios destaca a produção de queijo, cuja fabricação artesanal é um patrimônio desses imigrantes, evidenciando também o papel importante das mulheres que era quem mantinham as receitas dos queijos.

Figura 2 - Parque Histórico de Carambeí- Representação do Cooperativismo - 2021



*Em cima - Fábrica de Laticínios - (localizada na Vila Histórica);
Embaixo/Esquerda - Monumento do Cooperativismo- (localizada no Jardim);
Embaixo/Direita - Interior da Fábrica de Laticínios- (localizada na Vila Histórica);
Fonte: A autora principal

No que diz respeito à percepção dos turistas, estes podem se deparar com as peculiaridades e notar a existência de uma relação intrínseca entre o Cooperativismo e a produção de alimentos lácteos, como queijo, nata, iogurte, entre outros. Porém, os símbolos que representam o Cooperativismo, como os dois pinheiros, podem ser interpretados de maneira diferente se esses visitantes não tiverem conhecimento sobre o significado associado a essa simbologia.

No que diz respeito à interpretação dos pesquisadores, as simbologias associadas ao desenvolvimento da colônia adquirem relevância ao evidenciar os êxitos alcançados, enaltecendo a estrutura e formação da comunidade de imigrantes holandeses. Além disso, servem como uma forma tangível de expressar o imaginário cultural gerado ao longo do processo de trânsito.

Compreende-se a partir de Gomes (2013) que, do ponto de vista da constituição paisagística, as imagens têm a intenção de retratar o processo de produção de laticínios como uma forma de valorizar a própria cultura e o seu desenvolvimento. A composição, por sua vez, evidencia a coloração dos monumentos em bronze, enquanto a exposição enfatiza as fabriquetas de queijo e a produção de outros alimentos derivados do leite, apresentando suas etapas por meio de réplicas que aproximam a exposição da realidade, permitindo ao visitante mergulhar no mundo do outro e conhecer suas experiências, saberes e fazeres da comunidade.

Outra parte da tríade simbólica é o Trabalho, que pode ser evidenciado na Figura 3. Ao analisarmos as imagens apresentadas, é possível perceber que o Trabalho foi um pilar importante para o aperfeiçoamento e o progresso dos trabalhos na colônia.

É interessante pontuarmos que não havia analfabetismo na colônia. Aqueles que vieram ao Brasil já eram alfabetizados, e como a educação perpassava por todos os âmbitos da comunidade, os que nasceram aqui foram ensinados por membros do próprio grupo, sempre no intervalo dos trabalhos (PILLATI, 2015, p.12).

Na visão dos turistas, esse elemento pode acabar sendo ofuscado para aqueles que desconhecem o contexto da história da imigração. Geralmente, é interpretado como uma reconstrução do passado, mostrando como eram as casas e o ambiente escolar antigamente. Essa interpretação não está equivocada, porém, a questão do trabalho acaba sendo obscurecida. A simbologia do trabalho e sua ligação com a educação reverberam uma trajetória marcada por dificuldades e pela luta dos trabalhadores rurais no campo, suas técnicas e manejo, e o significado de como a terra foi essencial para a prosperidade da colônia e a manutenção de seus costumes, que foram repassados aos seus descendentes que, até hoje, cultuam todo esse processo como motivo de glória e orgulho.

Figura 3 - Parque Histórico de Carambeí- Representação do Trabalho e a Educação - 2021



*Panorâmica em cima- Chácara Holandesa;
A Escola- no meio
A Chácara – a esquerda
Monumento do Semeador- a direita- Jardim;
Fonte: A autora principal

Na perspectiva de Gomes (2013), em relação ao ponto de vista, buscou-se destacar a Chácara Holandesa por meio de uma imagem em formato de panorâmica, com o intuito de mostrar os detalhes do moinho, da Casa do Colono e do Estábulo, bem como os tambores de leite e as cores das casas da Vila Histórica e seus elementos em um padrão sem pintura, apenas com as janelas e portas pintadas de verde, revelando a rusticidade da paisagem. Na escola (figura 03), em relação à exposição, é possível notar a intencionalidade de reproduzir uma paisagem presente na memória dos descendentes dos imigrantes holandeses. As casas e seus detalhes, incluindo móveis e decorações,

bem como todos os elementos que envolvem a arquitetura da Vila Histórica, são apresentados de forma a resgatar e preservar essa memória cultural.

Por fim, a última ala museal comporta o Parque das Águas (Figura 4 – em cima), que, conforme o Núcleo de Mídia e Conhecimento (2016), foi construído com base no parque ambiental holandês conhecido como *Zaanse Schans* (Figura 6 - embaixo). Esse parque representa os recursos hídricos da Holanda, por meio de réplicas das casas, canais, diques e eclusas.

Figura 4 - Parque Histórico de Carambeí – Parque das Águas - 2021



*Em cima - Parque das Águas;

Embaixo- Parque Ambiental Holandês *Zaanse Schans*

Fonte: Em cima – A autora principal (2021) /Embaixo - Reispower (2023)

Seguindo o raciocínio de Duncan (2004), essa paisagem revela como o imaginário do imigrante holandês permanece ligado ao país de origem. Ao se deslocarem para o Brasil, os pioneiros trouxeram consigo seus costumes e modos de fazer, o que se torna evidente nas construções replicadas que forjam o lugar onde habitavam anteriormente. Para os turistas, essa reprodução é evidente, devido

à arquitetura das casas. Porém, a importância dos recursos hídricos retratados nessa paisagem só se torna evidente como significante cultural desses imigrantes caso haja o compartilhamento desse conhecimento com os visitantes.

Essas paisagens, embora sejam réplicas de paisagens já existentes na Holanda, ainda assim possuem uma originalidade e intencionalidade específicas, tornando-as únicas e não encontradas em nenhuma outra parte do Brasil. Essa singularidade permite uma relação em que é possível adentrar no mundo do outro, estabelecendo uma relação entre o "*insider*" e o "*outsider*" (DUNCAN, 2004), por meio de ambientes que reproduzem a cultura holandesa. Os significantes culturais definem os *insiders* (os de dentro), que fazem parte desses processos culturais, enquanto os *outsiders* (os de fora) são aqueles que têm acesso a essas paisagens criadas para fins turísticos.

Compreende-se a partir de Gomes (2013) que o ponto de vista das imagens revela uma perspectiva que enfatiza a arquitetura das casas, bem como sua profundidade em relação à área. Quanto à composição, ambas as fotos evidenciam as cores verde e bege, reproduzindo exatamente as cores do parque ambiental holandês. Com relação à exposição, as casas no Parque Histórico foram projetadas levando em consideração também os aspectos culturais que retratam uma pequena vila. Cada uma das casas no Parque Histórico de Carambeí funciona como pequenos museus, semelhante à vila original de Zaanse Schans.

O CENTRO CULTURAL DE CASTROLANDA

De acordo com o Centro Cultural de Castrolanda (2018), o Museu Casa do Imigrante Holandês foi inaugurado em 1991 como uma homenagem às memórias das famílias de Castrolanda. Quanto à arquitetura, as edificações foram baseadas nas antigas moradias dos pioneiros holandeses, como pode ser observado na Figura 5 (fachada e interior), combinando residência e estábulo.

Figura 5 – Centro Cultural de Castrolanda - Casa do Imigrante - 2021



*Panorâmica- Museu Casa do Imigrante Holandês (fachada);
Interior do museu- abaixo
Fonte: A autora principal

Aplicando as ideias de Duncan (2004) na interpretação das imagens, verifica-se que no contexto da colônia de imigrantes holandeses, a casa era considerada algo crucial, sendo um ambiente de socialização entre familiares, sobretudo devido à forte influência religiosa das famílias. A disposição dos móveis e objetos era dotada de significado, como pode ser observado na Figura 5. Na parte de baixo da montagem, destaca-se o detalhe do tapete na mesa, que representava maior riqueza ou poder aquisitivo em relação às demais famílias. Somente aquelas com uma condição financeira mais abastada possuíam esse adereço em suas moradias.

A paisagem do museu, na perspectiva dos visitantes, pode despertar uma certa nostalgia devido ao contato com objetos antigos dispostos no ambiente museológico. Ademais, permite um

contato mais próximo com a cultura daquela colônia, transmitindo de maneira detalhada e simbólica todo o processo que a influenciou e impulsionou melhorias nas condições de vida.

Já na perspectiva dos pesquisadores, a paisagem do museu reflete a memória materializada através da preservação de seus elementos simbólicos. Isso não somente valoriza os patrimônios expostos, mas também serve como uma forma de mostrar aos descendentes a trajetória que percorreram para alcançar tais feitos e êxito em suas atividades. Além disso, chama a atenção do público visitante para a contemplação desses espaços.

Conforme Gomes (2013), o ponto de vista das imagens possibilita evidenciar as formas de moradia dos imigrantes holandeses na época da colonização de Castrolanda, revelando o cotidiano e o convívio diário dessas pessoas. Quanto à composição, essa paisagem destaca o formato e a arquitetura da casa (museu) em seu exterior e, no interior, exhibe elementos cotidianos como móveis e utensílios domésticos. A exposição do interior do museu tem a finalidade de reproduzir fielmente o conteúdo das moradias dos imigrantes holandeses.

Em conformidade com o Centro Cultural de Castrolanda (2018), em 2001, foi construído um novo local com outras alas, como o moinho de vento, inaugurado em comemoração aos 50 anos do distrito, e o Memorial da Imigração Holandesa presente no Moinho "De Immigrant" com uma réplica em tamanho original de um moinho holandês.

No ano de 2014, foi iniciada a construção de um novo museu devido à implantação do projeto do Centro Cultural de Castrolanda, culminando na edificação do Museu Histórico. Essa obra foi realizada por meio de uma articulação entre a Associação de Moradores de Castrolanda, a Cooperativa Castrolanda e o Ministério da Cultura, com apoio da Lei Rouanet. Posteriormente, em 30 de novembro de 2016, foi inaugurado o Centro Cultural de Castrolanda, que incluía o Memorial da Imigração Holandesa - Moinho "De Immigrant" (na parte de cima) e o Moinho holandês "Woldzig" (na parte de baixo), conforme a Figura 6.

Destaca-se que ambos os moinhos, tanto a réplica quanto o original da Holanda, foram construídos a partir de técnicas de encaixe da madeira, com poucos parafusos. A partir de Duncan (2004), se considera que as imagens dos moinhos refletem o pilar do Trabalho, devido sua função ao servirem para a moagem de grãos, como milho e trigo pelos pioneiros. Paralelamente se entende que a arquitetura representa a herança sobre o saber fazer dos seus antepassados.

Para os visitantes, esse tipo de construção não se refere diretamente ao sentido simbólico do Trabalho. O destaque acaba sendo a curiosidade relacionada à sua arquitetura, que impressiona pela altura e pelo funcionamento. A forma da edificação, com sua escadaria em formato de caracol espiralado, embora um pouco íngreme, promove o acesso à vista da cidade do distrito de Castro a partir do último andar, impressionando pela possibilidade de uma visão completa de todo o museu.

Figura 6- Centro Cultural de Castrolanda – Moinhos - 2021



* Memorial da Imigração Holandesa- Moinho “*De Immigrant*” - em cima
Moinho Holandês “*Woldzigt*” - embaixo

Fonte: Cima - A autora (2021) /Baixo - Molendatabase

Essas construções, como os moinhos, refletem a materialização do imaginário do imigrante holandês, que busca trazer ícones de sua terra natal para o Brasil, criando uma espécie de 'Holanda brasileira'. Dessa forma, além de destacar os pilares fundamentais da expressão cultural do imigrante, essas edificações também refletem a dedicação e a engenharia que os imigrantes trouxeram consigo

e que podem ser admiradas através da expressão tangível, materializada pela réplica, que relembra o famoso moinho do país de origem.

Pautados em Gomes (2013), enfatizamos que o ponto de vista das imagens destaca de maneira panorâmica toda a fachada do moinho, que se assemelha ao original localizado na Holanda. Sua composição destaca as formas arquitetônicas que intencionalmente remetem à paisagem holandesa. A exposição permite aos visitantes conhecer o funcionamento do moinho como um museu com exposições em seu interior, destacando a cultura do imigrante holandês.

Para Cosgrove (1998), as paisagens refletem significados simbólicos, uma vez que resultam da apropriação e transformação do ambiente natural. Esses significados são especialmente visíveis em paisagens de parques, jardins e cidades, como é o caso dos museus de imigrantes holandeses. Nesses museus, as paisagens apresentam narrativas que enaltecem e exaltam os heróis pioneiros e os pilares simbólicos de desenvolvimento, representando os significados que contribuíram para a edificação da comunidade.

Com isso, o autor reafirma que as paisagens simbólicas não existem apenas por estarem formalmente presentes ou por serem materializadas; elas precisam ser constantemente reproduzidas afim de preservar seu significado, o que é evidenciado principalmente no cotidiano. Da mesma forma, as paisagens dos museus também precisam ser constantemente lembradas, e sua importância não se limita apenas à questão estética. Elas nos permitem conhecer a história e a contribuição de uma cultura para a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus são instituições que comunicam uma memória coletiva, transmitindo valores, tradições e ideias de um determinado povo, oferecendo uma perspectiva de maneira democrática, sendo importantes para a construção do conhecimento de uma sociedade. Nessa perspectiva, os museus de imigrantes holandeses presentes nos Campos Gerais do Paraná refletem uma cultura voltada a preservação e exaltação de sua própria história, ao mesmo tempo, em que chamam a atenção para o potencial turístico, sendo um local projetado para atrair pessoas.

A cultura do imigrante holandês é repleta de simbolismos que possibilitam diferentes interpretações, compostas de intencionalidade. Esses museus foram edificadas tendo como proposta

a composição de paisagens que ressaltam essa cultura que foi constituída pelo processo diaspórico ocasionado pelo trânsito gerado entre a Holanda e o Brasil.

Com isso, a análise de registros fotográficos com auxílio do sistema de criação de signos, permitiu a identificação e interpretação desses simbolismos narrados através de pilares simbólicos de desenvolvimento das colônias de imigrantes holandeses, sendo eles o Trabalho e a Educação, o Cooperativismo, e a Religião, como elementos que permeiam as paisagens dos museus Parque Histórico de Carambeí e Centro Cultural de Castrolanda, ambos espaços museais formados pela materialização do imaginário do imigrante holandês.

Estas paisagens destacam aspectos do processo de imigração como a conquista e êxito nas suas atividades desempenhadas a partir de uma narrativa que tem como mote os pilares culturais, e que até os dias de hoje perduram entre seus descendentes sendo constantemente reproduzidos e lembrados, viabilizando compreensões e entendimentos desses fatos através de uma leitura geográfica cultural.

Assim, as contribuições do presente estudo permeiam a análise das paisagens no âmbito da Nova Geografia Cultural, que, por meio de seus mecanismos metodológicos, auxiliam na interpretação das paisagens museológicas de imigrantes holandeses, que se refuncionalizam com o passar do tempo, transmitindo uma narrativa de êxitos ocasionados pelo desenvolvimento cultural, econômico e social. Nessa perspectiva, novos trabalhos direcionados aos costumes, tradições, eventos e paisagens efêmeras provenientes do trânsito diaspórico da imigração holandesa podem ser realizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO PARQUE HISTÓRICO DE CARAMBEÍ- APHC. **Manual do monitor**. Carambeí, PR: APHC, 2015.28p.

CAMARGO, C. R. de. S.; BENATTE, A. P. Semióforos da etnicidade: o Museu Imigrante Holandês de Arapoti, Paraná. **Ateliê de História UEPG**, Ponta Grossa, v.2, n.1, p.221-231, jan./ago, 2014. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/ahu/article/view/589>>6. Acesso em: 14 jun. 2019

CAUQUELIN, A. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.200p.

CENTRO CULTURAL DE CASTROLANDA. **Centro Cultural Castrolanda: um ano para pensar a história**. Castro: Centro Cultural Castrolanda, 2018.36p.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L. ROSENDAHL, Z. (orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.92- 123.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de museologia**. São Paulo: ICOM/ Armand Colin, 2013.101p.

DUNCAN, J. S. Paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. p. 91-132.

_____.; DUNCAN, N. G. The Aestheticization of the Politics of Landscape Preservation. **Annals of the Association of American Geographers**, Oxford, v. 91, n.2, p. 387–409. 2001.

GEOGHEGAN, H.; HESS. A. Object-love at the Science Museum: cultural geographies of museum storerooms. **Cultural Geographies**, v. 22, n.3, p. 445–465. 2015.

GOMES, P. C. da. C. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.320p.

LOWENTHAL, D. **The past is a foreign country**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.489p.

NÚCLEO DE MÍDIA E CONHECIMENTO. **Parque Histórico de Carambeí: catálogo**. Curitiba, PR: Farol dos Reis, 2016.200p.

PILLATI, J. J. **Cartilha de aproveitamento pedagógico**. Carambeí: APHC, 2015.24p.

POULOT, D. **Museu e museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 160p.

RANGEL, A. Cinema e museu: produção de imagens e mediação de discursos. In: CHAGAS, M.de.S.; PIRES, V. S. (Orgs). **Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018. p.71-84.

SAUER, C.O. A Morfologia da Paisagem. In.: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.p.12-74.

WILLIAMS, R. **The sociology of culture**. Nova York: Schocken Books, 1982. número de página.266p.